

Cultura e pensamento complexo

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Cultura e pensamento complexo

Maria da Conceição de Almeida
Edgard de Assis Carvalho



Editora Sulina

© Autores, 2012

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Caren Capaverde

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

A447c Almeida, Maria da Conceição de Cultura e pensamento
complexo / Maria da Conceição de Almeida e Edgard de
Assis Carvalho. – Porto Alegre: Sulina, 2012.
159 p.

ISBN: 978-85-205-0672-1

1. Complexidade – Edgar Morin. 2. Ciências Sociais. I.
Carvalho, Edgard de Assis. I. Título.

CDU: 316

CDD: 300

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3311.4082

Fax: (0xx51) 2364.4194

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Outubro/2012

Sumário

Apresentação	/ 7
Prefácio	/ 11
Constelações da desordem	/ 13
Tecnociência e globalização	/ 27
A natureza recuperada	/ 65
A consciência no corpo dos humanos	/ 85
Método complexo e desafios da pesquisa	/ 103
Diálogos de corpo	/ 119
Ética complexa e conhecimento científico	/ 133
Edgar Morin, um pensador para o Brasil	/ 143

Apresentação

Para o pensamento complexo, vida e ideias encontram-se ligadas, não como reflexo uma da outra, mas como circuito que constantemente se renova ao sabor das ondas da história. No mundo globalizado de hoje, os homens de ciência isolam-se em torres de marfim, às voltas com verbas, relatórios, avaliações. Sua contribuição ao conhecimento é quantificada por índices de produtividade como numa fábrica de montagem e, não raro, adere à vigilância cognitiva instalada nos aparatos do biopoder. Com isso, a criatividade perde força e a repetição se instala no aparato científico. Em nome da ciência, a fragmentação dos saberes e a competição pela conquista de territórios de verdade são os efeitos mais visíveis desse processo.

Uma das ideias nucleares da complexidade é a de que os sistemas de explicação do mundo são sempre biodegradáveis, renovam-se a todo momento. Não se submetem às injunções dos paradigmas dominantes, mas procuram sempre inquirir, lançar propostas e interrogações para o entendimento do humano. As ciências não são territórios das certezas, mas zonas de incertezas que propiciam o diálogo criativo com as dúvidas e interrogações de cada tempo. A fragmentação dos saberes não dá conta de um espírito do tempo sistêmico, interconectado em redes.

Acreditamos que o pensamento complexo veio para ficar. A reforma político-social, Morin afirma, é inseparável da reforma política e da reforma pessoal. A metamorfose da política e da ciência requer pensadores polivalentes e transdisciplinares. Requer também o exercício cotidiano da ética da compreensão, da não violência e a consolidação da democracia. A complexidade, é bom que se diga sempre, não nega a especialização, mas pretende ir além dela. Esse

ir além nada mais é do que uma tentativa, um áspero caminho que pretende compreender a cultura universal, sem negar o peso das culturas locais. Especialistas dignos desse nome sempre costumam ir além de sua área específica. As revoluções científicas provam inesoravelmente esse fato, perturbador para alguns, estimulante para outros.

A crença em um trabalho coletivo que critique, proponha, redirecione perspectivas, conceitos e teorias simultaneamente autônomos e complementares anima os caminhantes oriundos das mais diversas áreas do saber. Conexão, religação, incerteza são as palavras-chave desse estilo de ver o mundo, dessa estratégia que resiste a se tornar um paradigma, um receituário frio de conceitos e métodos para converter-se em ciência aberta saturada de fluxos, dissipações, reorganizações.

A proliferação dos grupos e núcleos do pensamento complexo no Brasil é exemplo dessa pulsão de criatividade. Ao Grecom da UFRN, criado em 1994, e ao Complexus da PUC-SP, criado em 1996, somaram-se muitos outros espalhados pelo Brasil, em universidades ou fora dela. É bom que seja assim, que apresentem formatos diferenciados, apostas complementares e se bifurquem por caminhos por vezes mais paradigmáticos, por vezes mais pragmáticos. Apesar desse sintoma de um novo tempo da ciência, a tecnoburocracia do pensamento estabelecida e consolidada lança olhares desconfiados, comumente desclassificatórios, expressos por cortes nos investimentos de pesquisa, ainda mais agora com o corte de 17% efetivado pelo governo federal sob a justificativa da crise econômica mundial.

Nada disso impede que reflexões inovadoras apareçam em congressos, teses, colóquios, livros. Foi esse o motivo central deste livro cujo nome *Cultura e pensamento complexo* constitui por si só uma provocação que expõe nossas próprias dúvidas, esperanças, utopias. Sempre acalentamos o sonho de escrever um ensaio a quatro mãos;

sabemos, porém, que isso exige tempo de que não dispomos, dadas as exigências regulamentares que a doxa acadêmica nos impõe. Algum dia, temos certeza disso, o faremos.

Preferimos, assim, apresentar ao leitor um conjunto de oito pequenos ensaios já publicados que foram parcial ou inteiramente reformulados, cujas temáticas são voltadas para os itinerários do pensamento, as contradições da tecnociência diante do mundo globalizado, a sustentabilidade da natureza, a consciência do corpo, a ética na pesquisa e, claro, um pequeno texto final sobre Edgar Morin, nosso amigo incontestável, nosso interlocutor constante, sempre pronto a novos desafios em prol de uma política mundial de civilização para a Terra-pátria. Com ele, sobretudo, reaprendemos a fazer ciência de outro modo. Com ele, viramos antropólogos para valer. Com ele, consolidamos uma concepção de Antropologia como ciência do homem universal, como a arte de entender os outros para entender a si mesmo de modo menos arrogante e mais amoroso.

Publicado em 2009 pela EDUFRN (Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte), o livro esgotou-se em poucos meses. Renasce agora, nesta segunda edição pela Editora Sulina, mantendo integralmente a organização original. Com isso, mais uma vez, esperamos contribuir para a ampliação da questão cultural e do pensamento complexo no Brasil.

Edgard de Assis Carvalho
Maria da Conceição de Almeida
Setembro de 2012

Prefácio

Foi preciso tempo para que se aprendesse que os progressos do conhecimento científico especializado em disciplinas acarretava uma ignorância ampliada dos problemas fundamentais que, para serem enfrentados, requerem a mobilização e a conjugação dos conhecimentos separados e fragmentados.

Foi preciso tempo, também, para que se compreendesse que um conhecimento transdisciplinar requer instrumentos conceituais que ligue saberes dispersos, ou seja, instrumentos de um pensamento complexo.

A elaboração de um conhecimento e de um pensamento complexos constitui a tarefa vital de nosso século XXI. Vital porque os problemas fundamentais e globais tornaram-se cruciais para o futuro humano. A separação dos saberes só faz agravar a cegueira diante desses problemas.

A plena consciência da necessidade de um pensamento complexo na América Latina começou primeiramente no Brasil, principalmente com a criação do Grecom na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1994, e do Complexus na PUC de São Paulo em 1996. Outros núcleos também foram formados, todos eles portadores de uma promessa de renovação no pensamento e na ação. Em osmose e colaboração constante, os núcleos coordenados por Ceíça Almeida e Edgard de Assis Carvalho já produziram livros, ensaios e ensinamentos que constituem o núcleo de uma fecunda escola brasileira de complexidade.

O pensamento complexo é obrigado a abarcar imensos horizontes. Ele só pode frutificar no seio de uma cultura que inclui a cultura literária e artística, a cultura filosófica, a cultura política

e também os conhecimentos-chave da cultura científica, principalmente aqueles que dizem respeito aos progressos da revolução científica em curso, que complexificou nossa visão de mundo com a descoberta dos níveis de realidade microfísica e cosmo-física, com a atitude organizadora da termodinâmica de Ilya Prigogine, com a ecologia, ciência polidisciplinar responsável pela ressurreição da relação do homem com a natureza.

Ceição Almeida e Edgard de Assis Carvalho são portadores de uma ampla cultura que ambos enriquecem mais ainda em seus contatos com os pensadores da complexidade. Este livro contém sete contribuições que revelam não apenas a amplitude de sua cultura, mas também sua capacidade de organização e diagnóstico. Estamos diante de um livro que confirma o fato de que a escola brasileira ocupa papel de destaque no cenário mundial da complexidade, contribuindo assim para a elaboração de um caminho de salvação para a humanidade.

Edgar Morin
Sitges/Espanha, fevereiro de 2009.